

## RELAÇÕES FAMILIARES E PROFISSIONAIS NO TOCANTE ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO

TAMAE, Érika Cristina de Menezes Vieira Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho não tem a pretensão de apresentar-se como um exaustivo estudo acerca do estudo de gênero nas ciências, mas sim como uma apresentação de reflexões relacionadas ao ingresso das mulheres no mundo profissional. Para tanto, pretende-se inicialmente analisar a existência de estudos de gênero em ciências segundo o texto de Maria Margareth Lopes e Maria Conceição da Costa. Posteriormente será apresentado a feminização de certas profissões tradicionalmente masculinas à luz das reflexões trazidas por Maria Lígia de Oliveira Barbosa e por fim, analisaremos os diferentes modelos de feminização da França e da Grã-Bretanha relacionando-os com o modelo brasileiro, seguindo os ensinamentos de Nicky Le Feuvre.

**Palavras-chave:** Gênero. Profissão. Família. Ciências.

### ABSTRACT

This work does not pretend to present itself as a comprehensive study about the study of gender in science, but as a presentation of reflections related to entry of women in the professional world. To this end, we intend to initially analyze the existence of gender studies in science according to the text of Mary Margaret Lopes and Maria Conceicao da Costa. Later will be presented the feminization of certain professions traditionally male light reflections brought by Maria Ligia de Oliveira Barbosa and finally analyze the different models of feminization of France and Great Britain relating them to the Brazilian model, following the teachings of Nicky Le Feuvre.

**Keywords:** Gender. Profession. Family. Science.

---

<sup>1</sup> Docente do curso de Direito da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF  
[erikajus@bol.com.br](mailto:erikajus@bol.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Por que a morosidade da inserção das ciências nos estudos de gênero? Este é o questionamento que Lopes e Costa se propõem a analisar. Segundo as autoras, as análises feministas das ciências no Brasil estão começando a consolidar seus referenciais analíticos de forma emergente e exploratória.

Somente em 1990 que autoras renomadas como Joan Scott tiveram suas obras traduzidas no Brasil. Para Anne Fausto-Sterling existem três razões que explicam a defasagem das análises feministas da ciência. A saber: a hegemonia ideológica de que a ciência é objetiva, neutra e racional; o número pequeno de mulheres com treinamento necessário e disposição para escreverem com autoridade sobre ciência e por fim, o isolamento intelectual de feministas que pouco sabem sobre ciência.

Assim, a ciência quando surge, inevitavelmente surge de forma masculinizada. E isto deve ser mudado, vez que a parcialidade é necessária na ciência. Outra inquietação das autoras refere-se à justificativa de que estudos sobre gênero e ciência não chegam ao Brasil e, quando chegam não são trazidos pelas feministas.

Segundo Lopes e Costa (2009) a questão das relações entre ciência e mulheres tem se restringido à apresentação de indicadores científicos e à indicação da ausência das mulheres nas práticas científicas ao longo da história. Portanto, na tentativa de responderem ao questionamento inicial as autoras acreditam que a resposta possa estar no modo como estes campos de estudo se constituíram no Brasil. No texto de Barbosa (1998) é evidenciado que entre 1981 e 1990 o número de mulheres com segundo grau e curso superior aumentou 105,80%, enquanto que o de homens aumentou 80,89%.

A afirmação profissional destas mulheres se reflete na realização de cursos como forma de aperfeiçoamento e ascensão, bem como nas reivindicações de critérios que delimitam tarefas e definem carreiras. Nicky le Feuvre (2008) trabalha em seu texto com os diferentes modelos de feminização da França e da Grã-Bretanha e para tanto expõe as diferenças entre as carreiras “burocráticas” e as carreiras “profissionais” apresentando duas teses elaboradas por Hantrais<sup>2</sup>, a

---

<sup>2</sup> HANTRAIS, L. *A comparative perspective on gender and accountancy*. The European Accounting Review, n. 4, p. 197-215, 1995 in Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais/Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Cristina Bruschini e Helena Hirata (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

saber: Alguns autores, como Holmwood e Siltanen afirmam que o desenvolvimento de postos assalariados no interior de grandes estruturas burocráticas oferecem um acesso mais fácil a todo um leque de direitos sociais, representativos da “cidadania de emprego”, como por exemplo licença-maternidade, licença em virtude de doença dos filhos. E com isto, a feminização é favorecida. Já para outros autores, como Crompton, as mulheres privilegiam o exercício liberal, vez que os critérios de progressão em uma carreira burocrática ainda estão permeados da idéia de que cabe ao homem ser o arrimo de família e à mulher a cuidadora do lar.

Assim, o exercício liberal favorece a feminização, na medida em que permite interrupções da carreira e diferentes formas de arranjo pessoal do tempo de trabalho, facilitando assim, a destinação prioritária das mulheres à esfera familiar. Esta segunda tese é sustentada na França por Charles Gadéa. Este afirma que na França as carreiras do tipo burocráticas serão cada vez mais privilegiadas pelos homens, vez que as mulheres permanecerão nas formas tradicionais de exercício nas profissões liberais. A este evento, Gadéa denomina como uma “modernização” dos grupos profissionais.

Desta forma, este trabalho tem por objetivos apresentar uma reflexão introdutória relacionada ao ingresso da mulher no mercado de trabalho profissional por meio da análise de estudos de gênero em ciências. Em seguida, será apresentado a feminização de algumas profissões tradicionalmente ocupadas por homens e, por fim, uma abordagem a respeito dos diferentes modelos de feminização da França e Grã-Bretanha e sua relação com o modelo brasileiro.

## **2. ALGUMAS REFLEXÕES RELACIONADAS AO INGRESSO NA MULHER NO MUNDO PROFISSIONAL**

A autora apresenta que historicamente, em qualquer país, as profissões exigem uma “disponibilidade permanente”. Porém, atualmente a construção de uma carreira ascendente não depende apenas de longas horas de trabalho, mas requer também uma mobilização coletiva de mulheres e homens em torno do “projeto profissional”, necessitando assim de mudança de hábitos.

É possível verificar que nas duas sociedades o *ethos* profissional fundado no modelo de que o homem é o arrimo de família (é o responsável pelo pão), enquanto a mulher é a responsável pelos cuidados do lar, não se sustenta exatamente da mesma maneira.

Na Grã-Bretanha percebe-se uma ajuda ativa do cônjuge para que as mães se mantivessem em atividade. Já na França, o Estado ao oferecer apoio à atividade contínua da mãe, acabou liberando os homens de um maior investimento na gestão cotidiana da vida familiar, ou seja, o cônjuge francês, ao contrário do da Grã-Bretanha não participa ativamente da vida familiar. Com isto as francesas têm dificuldades de competirem com os seus homólogos masculinos, vez que necessitam mobilizar um “terceiro ajudante”.

Nicky le Feuvre (2008) verifica uma variedade de experiências de mulheres no interior de diferentes grupos profissionais em um mesmo contexto nacional e também dentro de uma mesma profissão em dois contextos societários diferentes. De forma simplificada a autora caracteriza as diferenças no processo de feminização de cada país de acordo com o modelo de “feminitude” e “virilidade”.

O modelo de “feminitude” é um processo em que há a permanência da destinação prioritária das mulheres à esfera doméstica, com modos específicos de profissões para mulheres, como por exemplo, enfermeiras e professoras. Já o modelo de “virilidade” passa pelo alinhamento das mulheres às antigas normas masculinas de exercício profissional, requerendo um certo distanciamento das mulheres em relação à destinação prioritária de atividades domésticas, educativas e de cuidado.

Considerando que estes dois modelos não se manifestam exatamente da mesma maneira nos dois países estudados Feuvre juntamente com Crampton apresenta outros dois elementos suplementares de análise, onde busca comparar os dispositivos públicos em matéria de promoção da igualdade profissional e, sobretudo, as condições concretas de implementação em cada país; e ainda, considerar normas e práticas concretas em matéria de divisão sexual de encargos domésticos e educativos nas famílias com uma mulher exercendo uma dessas profissões.

Após estas análises, a autora verificou que na França, as diversas legislações francesas que visam a promoção da igualdade profissional acabam neutralizando os efeitos positivos do “contrato de gênero” identificados no nível macrossocial. Com isto, segundo Laufer<sup>3</sup> “as francesas que visam os escalões superiores de sua profissão sabem muito bem que é necessário

---

<sup>3</sup> Laufer, j. Les cadres au regard de genre. In: BOUFFARTIGUE, P. (Ed.) Cadres, la grande rupture. Paris: La Découverte, 2001 in Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais/Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Cristina Bruschini e Helena Hirata (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

“neutralizar” seu pertencimento sexual se quiserem ter alguma chance de seguir uma carreira ascendente”. Assim, a autora apresenta em seguida vários relatos de atos “heróicos” praticados pelas francesas que conciliaram maternidade e trabalho. Ex. ficar no escritório até o último momento, indo direto para a maternidade; pilha de dossiês ao lado do berço da criança...

Já as britânicas mais jovens entendiam que a adoção de uma postura mais distanciada em relação ao emprego no momento de ter filhos não é absolutamente representada como um “suicídio profissional”, como era apresentado nas grandes empresas francesas. Por serem privadas de dispositivos da “cidadania de emprego”, as mulheres britânicas que optaram pelo exercício independente são aquelas que possuem práticas profissionais calcadas em normas masculinas em vigor e por isso tiveram que defender de forma mais ávida suas escolhas junto aos amigos e familiares.

Tornou-se prática majoritária na França a manutenção da atividade profissional em tempo integral das mães de famílias diplomadas<sup>4</sup>. Considerando a falta de acompanhamento dos pais de família na gestão da casa, as francesas que desejam manter presença considerada conveniente junto aos filhos, optam pelo exercício liberal em unidades de pequeno porte ou individualmente.

Com isto se beneficiam de maior “soberania de tempo” nos momentos mais tensos de seu percurso pessoal e familiar. Assim, é possível dizer que na França, o exercício liberal parece ser mais compatível com a gestão da interface emprego-família.

Coutinho (1994) ao estudar a mulher brasileira nas relações familiares demonstra o quanto ela hesitou em adentrar nos espaços públicos, abandonando o domínio privado. Em que, mesmo desejando a satisfação individual no espaço público, essas mulheres queriam continuar mantendo o controle sobre o terreno doméstico no âmbito privado.

O mesmo autor ressalta que apesar dos avanços da modernidade, a inserção da mulher nos espaços públicos, caracterizada pela mudança na forma de organização familiar, pode ser bastante conflituosa e desgastante aos demais membros da família. Assim, para muitas pessoas, ainda que inconscientemente, certos papéis adquiridos pelo meio cultural permaneceram fixos e concretizados pelo comportamento, neste sentido Coutinho (1994, p. 240) diz que é necessário o

---

<sup>4</sup> Eurostat comment se répartition le temps des Européennes et des Européens? Statistiques en Bref, p. 1-12, 2006 in Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais/Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Cristina Bruschini e Helena Hirata (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

abandono de modelo em que aos machos caberia um papel, às fêmeas, o papel oposto, sempre em padrões rígidos, danoso às mulheres e aos homens.

Ademais, estes conflitos podem ser mais intensos para a mulher, que com uma facilidade inexplicável assume e sofre todo o tipo de culpa. A princípio, a mulher se sente culpada por não colaborar com o orçamento doméstico, por outro lado, se vai para o mercado de trabalho, também sofre com a culpa de deixar os filhos em creches ou com alguma pessoa estranha. Assim, quando o casamento vai mal, quando os filhos se acidentam ou cometem alguma transgressão, inexplicavelmente, a mulher internaliza novamente sentimentos de culpa decorrentes da suposta ausência de responsabilidades no papel de mãe e retoma rapidamente ao “mundo privado”.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente, percebe-se que a mulher não vem se dedicando exclusivamente às tarefas do lar e à educação dos filhos. Além de mães, estas são mulheres que possuem anseios próprios. De tal modo, muitas mulheres passam a assumir atividades fora do lar, com o intuito de se tornar independente economicamente, por necessidade de sobrevivência ou para fortalecer o orçamento familiar.

É visível que, nos últimos anos do século XX, com as transformações na economia mundial, houve uma considerável redução dos empregos, além da crescente concorrência no mercado de trabalho. Com isto, cada vez mais, mulheres foram trabalhar fora de casa para contribuir com a renda da família ou até mesmo, como ocorre na maioria das vezes, passam a representar a principal fonte de sustento econômico da família, recebendo a denominação “mulheres arrimo de família”.

Diante deste cenário também é comum perceber que as responsabilidades originariamente dos pais estão sendo exercidas por terceiras pessoas estranhas à família. Isto acontece quando os pais de poder aquisitivo mais alto, cheios de boa intenção e sem alternativas, preenchem todo o tempo dos filhos com atividades escolares, esportivas e recreativas. É claro, que não se pode deixar de observar o mal causado a essas crianças, que além de sofrerem pressões e estresse comuns aos adultos, engessados pela rotina, pouco convivem com os pais, sendo também vitimados pela falta de afeto e carinho.

Em contrapartida, em decorrência das melhores condições de vida, a longevidade vem se destacando e com isto, a convivência familiar tem se ampliado nos últimos tempos, compreendendo agora pais, avós, netos e até bisnetos. Sendo assim, algumas crianças têm a sorte de compensarem a ausência de afeto dos pais em outros entes queridos, como por exemplo, os avós.

Sobretudo, após a realização desta revisão bibliográfica percebe-se que o exercício liberal pelas mulheres evidencia ser mais compatível com a gestão da interface emprego-família.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Maia Ligia de O. **Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil?** Tempo social 10, nº 01, 1998.

COUTINHO, M. L. Rocha. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

FEUVRE, Nicky Le. **Modelos de feminização das profissões na França e na Grã-Bretanha.** In Mercado de Trabalho e Gênero: Comparações Internacionais (Org) Albertina de Oliveira Costa, Bila Sorj, Cristina Bruschini e Helena Hirata (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

LOPES, Maria Margareth e COSTA, Maria da Conceição. **Por que tão devagar nas ciências e nos estudos de gênero em ciências?** Seminário Internacional Mercado de Trabalho e Gênero: Comparação Brasil – França. Fundação Carlos Chagas, 9-12/4/2007, <http://www.fcc.org.br/seminario/index.html>. Acesso em 02/12/2012.